Na trilha do metal: a construção de terriotorialidades das bandas de heavy metal em Belo Horizonte nos anos 1980[1]

On metal tracts: the construction of terriotorialities of heavy metal bands in Belo Horizonte during the 1980s

Gleyber Eustáquio Calaça Silva
Graduando em Geografia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
gleyber3001@gmail.com

Leonardo Henrique Alves de Lima Nascimento
Graduando em História pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
leonardoh95@hotmail.com

Alexandre Magno Alves Diniz
Doutor em Geografia pela Arizona Stae University,
Professor do Programa de Pós Graduação em Geografia -
da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
alexandremadiniz@gmail.com

Resumo
O presente estudo pretende analisar como ocorreu o processo de territorialização relacionado a distintos grupos identitários vinculados ao gênero musical intitulado heavy-metal, no contexto da Belo Horizonte dos anos 1980s. Para tal, a pesquisa busca suporte em conceitos da Geografia Cultural e da Antropologia, necessários à compreensão da distribuição espacial do Metal belo-horizontino. O trabalho faz uso de entrevistas elaboradas junto aos membros das bandas do recorte temporo-espacial proposto como metodologia de coleta de dados. Os resultados indicam que a cena heavy-metal de Belo Horizonte possuía grande abrangência territorial, sobretudo pericentral e central, contando com diversos espaços dedicados ao estilo musical.

Palavras-chave: Metal, Território, Lugar, Pedaço, Mancha, Trajeto, Circuito.

Abstract
The study intended to analyze how the process of territorialization related to different identity groups linked to the musical genre called heavy-metal in 1980s' Belo Horizonte. For this, the researchers seeked support in the concepts of Cultural Geography and Anthropology, necessary to the understanding of the spatial distribution in the city. The work used interviews with members of the heavy-metal bands in Belo Horizonte as a methodology of data gathering. The results indicate that the heavy-metal scenario of Belo Horizonte had a great territorial coverage, mainly pericentral and central, counting on several spaces dedicated to the musical style.

Keywords: Metal, Territory, Place, Piece, Spot, Path, Circuit.

[1] Pesquisa de Iniciação Científica financiada pela CAPES, por intermédio da FAPEMIG junto ao programa PROBIC

1. INTRODUÇÃO

Uma cidade é impregnada de relações de poder, sendo constituída, de um lado, por atores hegemônicos, que ditam as regras de convivência no meio social e controlam o uso do espaço; e grupos marginais, cuja existência é condenada ou negligenciada pelos grupos hegemônicos, restringindo-se a espaços marginais e estereotipados. Na Belo Horizonte dos anos 1980 esta dinâmica não era diferente. A vida social e política era dominada por uma elite conservadora, nacionalista, católica e afinada com as práticas e valores da ditadura militar então vigente, cujo espectro ainda se fazia sentir. Do outro lado da cena social e política encontravam-se os headbangers, popularmente conhecidos como metaleiros, que com suas roupas pretas, cabelos compridos e adereços exóticos eram estigmatizados como satanistas, drogados, devassos e vagabundos, personificando o mal aos olhos da elite conservadora.

O movimento ou cena Metal de Belo Horizonte teve suas origens na década de 1980, quando grupos de jovens se reuniam para ouvir discos e fitas de heavy-metal vindas do exterior. O acesso a este material fonográfico era bastante restrito à época, uma vez que a indústria brasileira não tinha interesse no gênero musical e reproduções nas rádios eram extremamente raras. Esses jovens dependiam, portanto, de amigos e parentes que, ao regressarem de viagens ao exterior, traziam os raros discos e fitas que era consumidos e compartilhados. Mas a partir da inspiração vinda da Europa e da América do Norte, parte desses jovens saiu da condição de mera consumidora, tornando-se produtora musical. Deu-se origem, assim, às várias bandas de heavy metal de Belo Horizonte marcadas por uma sonoridade e estética extremamente originais e criativas.

Mas além da paixão pelo gênero heavy-metal, a produção musical dessas bandas foi influenciada por uma conjuntura marcada pela hiperinflação, altas taxas de desemprego, lenta transição democrática e a manutenção da repressão política, muitas vezes violenta por parte dos agentes de segurança, a tudo que fosse não convencional. A partir dessas influências, os headbangers comandaram um movimento de contestação social e produção musical que exaltava o macabro, o ódio e a desilusão que teve importantes repercussões nos níveis local, nacional e mundial.

Várias das bandas de heavy-metal surgidas em Belo Horizonte nos anos 1980 (Overdose, Sarcófago, Sepultura, Chakal, etc.) são reconhecidas internacionalmente, contando com fã clubes e bandas cover em várias partes do mundo. Músicas produzidas na cena de Belo Horizonte dos anos 1980 vêm sendo regravadas por diversos grupos contemporâneos, enquanto os LPs originais das bandas da cidade são intensamente disputados no mercado digital, fato que fez com que vários desses álbuns fossem relançados nos últimos anos.

Mas apesar de todo este reconhecimento nacional e internacional, os headbangers ao

condenarem o sistema, adotando uma perspectiva crítica e subversiva, sobretudo em relação à fé católica, foram consistentemente rechaçados e reprimidos. Membros de bandas e fãs de heavy metal foram marginalizados, não podendo circular livremente pela cidade, sob a pena de sofrer constrangimentos morais, quando não físicos.

Os headbangers viviam e produziam o heavy-metal às margens da sociedade, tendo a sua ação circunscrita a espaços marginais e subterrâneos da cidade, onde os territórios do metal foram paulatinamente constituídos, garantindo a existência material e simbólica desses grupos. O presente artigo busca resgatar parte desses territórios, explorando diretamente junto àqueles que viveram a cena do heavy-metal de Belo Horizonte dos anos 1980 esses locais de produção material e simbólica.

Para a compreensão deste fenômeno e de sua materialidade no espaço, foram empregadas categorias espaciais da Geografia Cultural e da Antropologia Urbana, com destaque para os conceitos de lugar, território, pedaço, mancha, trajeto e circuito, que serão evocados na classificação dos locais de vivência das bandas, evidenciando cartograficamente o seu comportamento territorial no espaço da cidade.

O artigo está estruturado em sete seções: discussão dos conceitos que fundamentaram a pesquisa; uma breve descrição da evolução histórica do metal desde as suas origens até a sua chegada ao Brasil e a Belo Horizonte; os processos metodológicos adotados no trabalho; as territorialidades do heavy-metal levantadas a partir de entrevistas e produção cartográfica; seguidas de algumas considerações finais.

2. O DIÁLOGO ENTRE GEOGRAFIA E ANTROPOLOGIA CULTURAL

Este estudo encontra-se vinculado ao vasto campo da Geografia Humana, mais especificamente da Geografia Cultural. Dentre as diversas definições de cultura apresentadas por Claval (2002, p.21), a que mais se afiniza com o presente trabalho é aquela associada ao “conjunto de atitudes e de costumes que dão origem ao grupo social a sua unidade”, elementos fundamentais à construção de identidades coletivas como a da cena do heavy-metal de Belo Horizonte.

Com uma escala de análise espacial local e intra-urbana, os primeiros enfoques conceituais aqui adotados encontram-se associados às noções de território e lugar, categorias que remetem à “significação do espaço para cada indivíduo” (CLAVAL, 2002, p.23), de maneira a construir objetos sociais a partir das experiências pessoais. O imaginário humano e o componente subjetivo são importantes na construção de categorias antropológicas culturais e geográficas territoriais, pois o lugar faz parte de uma memória coletiva, fortemente ligada ao desenvolvimento da consciência territorial de um grupo.

Haesbaert (2004) propõe que a gênese do território seja marcada por uma dupla conotação, material e simbólica, devido a sua etimologia, próxima de terra-territorium e de terreo-territor (terror, aterrorizar). Desta forma, o conceito é tratado como o domínio de um ator sobre o outro. Onde se dão, concomitantemente, a predominância jurídico-política de um grupo sobre determinado espaço e a incitação do terror para com o grupo rival, que, por sua vez, fica impedido de usufruir do espaço livremente. Advêm daí conflitos e segregações espaciais, sendo o território impregnado de forte simbolismo, pois "para aqueles que têm o privilégio de usufrui-lo, o território inspira a identificação (positiva) e a efetiva apropriação", conforme indica Haesbaert (2004, p.01).

Neste contexto, o território como instrumento da apropriação de um espaço estaria ligado ao valor simbólico, enquanto o território originado de processos de dominação é associado a relações de poder. Assim, o território será composto de duas referências, funcionalidade e simbolismo, não sendo estas excludentes, mas complementares e vinculadas a processos identitários e políticos. É ainda um instrumento fundamental para a afirmação de um grupo, conforme indica Souza (1995, p.108).

> Em qualquer circunstância, o território encerra a materialidade que constitui o fundamento mais imediato de sustento econômico e de identificação cultural de um grupo, descontadas as trocas com o exterior. O espaço social, delimitado e apropriado politicamente enquanto território de um grupo é suporte material da existência e, mais ou menos fortemente, catalizador cultural-simbólico e, nessa qualidade, indispensável fator de autonomia. (SOUZA, 1995, p.108)

O território precisa contar com mais um elemento, a territorialidade. Este conceito fomenta a elaboração do que será o ideal de um grupo, que expresso no espaço se materializará em um território. É algo que figura no campo abstrato, pois nem sempre um grupo com o embasamento territorializador chegará a se territorializar - como os Curdos buscando o reconhecimento enquanto país ou os judeus com a ideia de "Terra Prometida". Nessa dimensão simbólica do território, fatores como afetividade e enraizamento são indispensáveis e, mediados por relações de poder, podem se materializar espacialmente Haesbaert (2004).

Atrelado à dimensão simbólica do território salientamos o conceito de lugar, espaço que, potencialmente, inspira sentimentos de identidade, pertencimento e repulsa nos atores. Esta identificação com o lugar pode ser tanto negativa, quando determinado espaço gera sentimentos de aversão e medo (a topofobia); quanto positiva, quando o sujeito se sente emocialmente vinculado ao lugar (topofilia). Nos territórios do heavy-metal aplicam-se os dois termos, pois ao mesmo tempo em que existem laços afetivos de bandas com determinados espaços, também há os locais a serem evitados por estarem sob o domínio de grupos rivais, como veremos mais adiante. De acordo com Tuan (1983, p.151) "um espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição de significado", ou seja, quando o espaço é dotado de algum valor.

Entretanto, a abrangência territorial do Metal perpassa espaços e lugares distintos, de uso diversificado, demandando uma classificação conforme o modo como foram territorializados. Para tal, buscamos alicerce em Magnani (1998, p.2008), que embora trabalhe com uma abordagem antropológica, estabelece categorias espaciais que muito se afinizam com aquelas da geografia. Tome-se como exemplo o conceito de pedaço, bastante similar ao lugar geográfico. "O termo na realidade designa aquele espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade" (MAGNANI, 1998, p.116).

Este pedaço constitui-se, conforme o autor, de dois elementos básicos: o componente de ordem espacial e o que corresponde a uma determinada rede de relações sociais. Fazer parte de uma rede significa cumprir com os deveres básicos e normas de convívio. Quando o sujeito é leal a uma rede ela também o protege de outros pedaços, pois o contato com o "estranho" ou o "de fora do pedaço" pode acirrar relações, causando conflitos e hostilidades (conforme as já referidas relações de poder).

Quando o indivíduo está entre iguais, em espaços devidamente demarcados e designados para distinguir determinado grupo, temos uma noção de pedaço próxima àquela de território. Portanto, deslocar-se a um determinado pedaço implica em "encontrar com seu semelhante, exercitar-se no uso de códigos comuns e apreciar os símbolos escolhidos para marcar as diferenças" (MAGNANI, 2008, p.40). Contudo, a apropriação espacial neste aspecto pode ser analisada conforme a sua escala e uso dos seus equipamentos pelos seus agentes. Com base nisto, para entender melhor a dinâmica do território trabalha-se com três conceitos desenvolvidos por Magnani (2008): mancha, trajeto e circuito.

A mancha diz respeito a

> Lugares que funcionam como ponto de referência para um número diversificado de frequentadores. Sua base física é mais ampla, permitindo a circulação de gente oriunda de várias procedências. São áreas contíguas do espaço urbano dotadas de equipamentos que marcam seus limites e viabilizam – cada qual com sua especificidade, competindo ou completando – uma atividade ou prática predominante. (MAGNANI, 2008, p.41)

Segundo Magnani (2008) uma mancha do lazer indica equipamentos como bares, restaurantes, cinemas, dentre outros, que constituem pontos de referência para a realização de determinadas atividades. Estes equipamentos são de uso acessível a um vasto público oriundo de diversas partes da cidade. Na ótica territorial, a mancha indicaria espaços compartilhados por frequentadores vindos de pedaços distintos, que buscam um mesmo bem ou serviço: na especificidade do Metal pode-se mencionar as lojas de discos, locais de exibição de vídeos, locais de shows, bares que aceitassem o público headbanger, enfim, espaços característicos pela

congruência de pedaços.

Entretanto, a cidade não é formada por manchas e pedaços isolados. Há uma comunicação entre estes espaços propiciada pela circulação dos seus agentes. Temos então um novo conceito, o trajeto, que conecta e aglutina os pedaços e as manchas, compondo o circuito. Trata-se de um conceito que se difere dos demais por não ter um ponto fixo no espaço, não se remetendo, portanto, a um processo territorializador, pois "aplica-se a fluxos no espaço mais abrangente da cidade" Magnani (2008, p.43).

Neste sentido, Magnani (2008, p.43) sugere dois usos da categoria: "Na paisagem mais ampla e diversificada da cidade, trajetos ligam pontos, manchas, circuitos, complementares ou alternativos... Outra aplicação é no interior das manchas, nelas, são de curta extensão, na escala do andar" (MAGNANI, 2008, p.43).

No deslocamento entre espaços, o traçado do trajeto não é definido de maneira aleatória. Seu agente escolhe passar por determinado local em detrimento de outro, de acordo com alguma lógica. Pode assim remeter tanto a uma possibilidade de escolha dentro de uma mancha, como também gerar a abertura da mancha ou do pedaço para outros pontos do espaço urbano. Há ainda os pórticos, locais de passagem que são neutros entre pedaços e manchas, marcos vazios na paisagem urbana que não "pertencem" a nenhum grupo.

Por fim, a noção de circuito trabalha com uma visão mais geral da cidade, remetendo a algo que "une estabelecimentos, espaços e equipamentos caracterizados pelo exercício de determinada prática ou oferta de determinado serviço, porém não são contíguos na paisagem urbana, sendo reconhecidos em sua totalidade apenas pelos usuários" (MAGNANI, 2008, p.45).

Tem-se como exemplo de circuito o circuito gay, circuito dos cines de arte, circuito de dança, etc. Também há o circuito de shows e o circuito do heavy-metal, como veremos mais adiante. Todas essas categorias se somam oferecendo a estrutura conceitual para a compreensão do comportamento espacial headbanger na cidade de Belo Horizonte, assim como na definição dos locais que recebem uma atribuição de valor simbólico pelos membros dessa comunidade. Porém, antes de analisar esses espaços, buscaremos na próxima seção identificar as origens históricas do heavy-metal e a sua chegada ao Brasil e a Belo Horizonte.

3. AS ORIGENS NOS ANOS 1970S

O heavy-metal percorreu um longo caminho até se estabelecer no Brasil. As suas origens são largamente discutidas entre fãs, mídia especializada e até mesmo entre os músicos, mas três bandas inglesas (a divina trindade do Metal) são geralmente apontadas como aquelas que estabeleceram os marcos sonoros a partir dos quais o heavy-metal se desenvolveu: Led Zeppelin, Deep Purple e

Black Sabbath. Mas para parte considerável dos headbangers, o primeiro disco autenticamente de heavy-metal foi o homônimo da banda Black Sabbath, lançado em 1970 (SIRINO, 2012, p.42).

Na década de nascimento do heavy-metal já se assistia na Europa ociental o desenho de propostas neoliberais, em decorrência do declínio produtivo inglês, fato que seria acentuado pela crise do petróleo de 1973. Conforme sugere Silva (2014), os ideais de paz e amor defendidos pelos hippies pareciam estar cada vez mais distantes em função do cenário geopolítico da época, marcado pela guerra do Vietnã e pela ameaça de um conflito nuclear resultante do acirramento das tensões entre soviéticos e norte americanos.

Neste cenário surgem as primeiras bandas de heavy-metal na Inglaterra, fazendo um contraponto às correntes conservadoras que haviam gerado uma crise junto ao público do rock'n'roll anos 1960, tornando-se um movimento artificial com letras vazias e desinteressantes. Silva (2014, p.36) ao referir-se a esta transição revela que a sonoridade do Black Sabbath "era a violência ao invés da paz, o ódio ao invés do amor, o pesadelo ao invés do sonho, era produto de um novo tempo". Houve, portanto, uma virada em relação à contracultura hippie, as letras e as capas dos álbuns passaram a adotar temas obscuros, como guerras, fome, pragas e ocultismo, além de adotar uma sonoridade mais densas e pesada, deixando de exaltar o amor ao próximo e debater dilemas morais da existência humana, como os hippies faziam.

4. O HEAVY METAL CHEGA AO BRASIL

O recorte temporal proposto para este estudo abrange os anos 1980, quando o heavy-metal ganha força nacionalmente, apesar de já ser à época sucesso no velho mundo. A conjuntura histórica do Brasil dos anos 1980 foi marcada pelos últimos anos da ditadura militar, a abertura, a transição para o governo civil, hiperinflação e a luta pelas Diretas Já. Portanto, havia um ambiente politicamente mais permissivo e aberto a influências externas. É neste contexto que o rock'n'roll, de uma forma mais ampla, é potencializado no Brasil, apesar de desde os anos 1960 já existir uma forte presença de grupos como os Beatles, Rolling Stones, Pink Floyd, The Who, dentre outros, entre os jovens. Entretando a capital mineira não havia experimentado a sonoridade que viria a ser denominada heavy-metal.

Mesmo com a importação de produtos culturais estrangeiros, sobretudo advindos dos Estados Unidos, facilitada pela abertura do regime militar, nem tudo o que chegava era bem aceito pela sociedade. Esta postura crítica era especialmente evidente entre os intelectuais de esquerda, que contestavam o regime militar, adotando um discurso nacionalista, que favorecia movimentos culturais brasileiros como a Tropicália e o Cinema Novo. Esses atores viam na Música Popular Brasileira um veículo genuíno de expressão cultural, capaz de dar aos jovens a possibilidade de

catalisar sentimentos e expressar as frustrações em relação ao sistema vigente. No entanto, Coelho (2014) indica que parcela significativa da juventude brasileira não se reconhecia na MPB, abrindo espaço para um estilo musical mais rápido e agressivo, mais afinado com os seus anseios.

O grande marco na popularização do heavy-metal no Brasil foi a realização da primeira edição do Rock In Rio (RIR), em 1985. Dada a grande cobertuda da mídia, incluindo a belo-horizontina, o gênero heavy-metal, até então restrito aos iniciados, ganhou notoriedade nacional com as apresentações de AC/DC, Iron Maiden, Ozzy Osbourne e Scorpions. Sobre a relação do discurso midiático e a popularização do Metal sugere-se a leitura de Medeiros (2014), assim como Teixeira (2012) e Nakamura (2009), que revelam já haver periódicos nacionais especializados em heavy-metal à época. Sabe-se que antes disso já existiam bandas de Metal no Brasil, inclusive a primeira delas, Strees (Belém - PA, fundada em 1974. Em Belo Horizonte, como veremos adiante, já havia vários adeptos do heavy-metal e algumas bandas em operação, como o Sagrado Inferno, Overdose, Kamikaze e o Sepultura. Contudo, o tratamento midiático do festival Rock in Rio serviu para mostrar aos próprios headbangers o quão grande era a cena no Brasil e o quão grande era o número de fãs espalhados pelo país.

Ainda assim, a estética e a sonoridade do Metal eram duramente criticadas por alguns veículos de imprensa, que condenavam a perda da "brasilidade" e a submissão à cultura imperialista, como pode ser observado na matéria assinada por Hélio Fraga "Ciranda e modinhas, em vez de Rock", publicada no jornal Estado de Minas.

> É muito bom quando a gente descobre que ainda há, no Brasil, resistências a este tipo de alienação, de invasão cultural, de imposição de valores que não estão identificados com nossa terra, nosso povo, nossa índole, nosso jeito de ser... A esta invasão estudada e maciça do "rock", a esta música que nunca foi a arte de combinar os sons de forma agradável ao ouvido, às manifestações de histeria ou demência, ao vocabulário tão pobre e tão fútil de uma parcela da juventude de hoje, nós devemos contrapor uma resistência através da defesa intransigente de nossos valores culturais. Não podemos deixar que o Brasil se americanize também. (FRAGA, 1985, p.7)

Outro fator responsável pelo rechaço ao heavy-metal foi o fato de o festival Rock in Rio ter acontecido pouco antes da edição do Carnaval de 1985, o que acabou por ofuscar a festividade nacional, fazendo com que o Rio de Janeiro passasse de cidade do Samba à cidade do Rock/Metal. A partir dessa sequência de eventos, o heavy-metal já não podeia mais ser ignorado no Brasil, que seguiu recebendo atrações internacionais, além presenciar o número de bandas nacionais se multiplicar, juntamente com o número de fãs.

5. O HEAVY METAL MINEIRO

Apesar da dificuldade de acesso ao material produzido por bandas internacionais e o evidente conservadorismo dos mineiros, já havia nos anos 1980 grupos de heavy-metal locais, antes mesmo da realização do primeiro Rock in Rio. De acordo com o levantamento realizado junto à Encyclopedia Metallum (2016), a banda pioneira de heavy-metal de Belo Horizonte foi o Sagrado Inferno, criado em 1983, mesmo ano em que o Overdose foi formado. A evolução do heavy-metal foi se dando de forma orgânica, com a reunião espontânea de jovens em torno de laços de amizade, relações familiares e o compartilhamento de gostos musicais e visões de mundo, originando diversas bandas: Kamikase e Sepultura, em 1984; Chakal e Mutilator, em 1985; Insulter, Mayhem e Witchhammer, em 1986; Sextrash e Sepulchral Voice, em 1987; The Mist, em 1989; dentre outros.

Uma característica importante do heavy-metal belo-horizontino, ressaltada tanto nas entrevistas quanto nas breves menções positivas ao gênero encontradas nas matérias publicadas no jornal Estado de Minas entre 1980 e 1989 diz respeito à natureza genuína de suas produções, apresentando identidade própria, marcada pela agressividade de sua sonoridade. No documentário Ruído das Minas (2009), Belo Horizonte é lembrada pelos amantes do Metal como a capital do som mais pesado do Brasil, expoente de bandas de Thrash, Death e Black Metal que influenciaram várias bandas internacionais. Neste sentido, merecem destaque a adoção da bateria estilo metranca ou “blast beat” eternizada nas gravações do Sarcófago (1985), além da criação do subgênero War Metal impulsionado pela banda Holocausto (1985). Outro fator que evidencia a originalidade do Metal belo-horizontino também data de 1985, ano em que foi formada a primeira banda feminina do Metal nacional: o Placenta.

O gênero musical se popularizou, em certa medida, segundo apontam Coelho (2014) e Avelar (2011), graças a uma mudança na concepção dos jovens em relação à música, na qual a MPB começava a elitizar-se, distanciando-se da realidade do público juvenil. Neste contexto, o heavy-metal emerge como fiel representante das frustrações e insatisfações juvenis, no qual a profanação e a dessacralização de símbolos católicos têm relevo. Simbolicamente, esta transição pode ser evidenciada a partir do espaço, uma vez que a banda de maior renome internacional do heavy-metal belo-horizontino, o Sepultura, nasceu no mesmo bairro boêmio onde o aclamado Clube da Esquina surgira, o Santa Tereza.

> Enganaram-se os que viram no satanismo do primeiro Sepultura uma mera cópia de Slayer. A resposta à pesada herança cristã de Minas Gerais era nítida. Enquanto a música de Milton havia se apropriado de símbolos de caridade e fraternidade, dotando- lhes de um sentido político e emancipatório (processo que culmina em Sentinela e Missa dos Quilombos), o heavy metal mergulharia na iconografia católica para articular não uma reapropriação, mas uma estratégia de radical negação, inversão e esvaziamento de seus conteúdos. Ao contrário de Mílton, o metal não distinguia uma mensagem recuperável na religiosidade mineira.

> Cancelava-a através de um uso descontextualizador, que esvaziava seu aparato simbólico. As cruzes invertidas, as alusões satânicas e a obsessão escatológica negavam aquilo que a música de Milton ficou famosa por expressar: a esperança de que por trás do universo religioso, tradicional e conservador do catolicismo mineiro residisse um núcleo emancipatório e fraternal de compaixão politicamente disponível. O metal em Minas emerge não como cópia do satanismo de bandas europeias e americanas, mas como negação dessa disponibilidade. (AVELAR, 2011, p. 3-4)

Um marco na história do heavy-metal em Belo Horizonte foi a apresentação da banda Kiss, realizada em 1983, fato que causou euforia nos fãs e uma onda de protestos por parte dos setores mais conservadores da sociedade local, especialmente da comunidade religiosa. O material coletado nas revisões do jornal Estado de Minas (1980; 1989) indica uma dualidade no tratamento do evento, por vezes exaltado como grande atração, mas também trazendo comentários depreciativos em relação à banda norte-americana. No dia do evento, 21 de junho, ocorreram manifestações de cunho religioso em frente ao hotel onde a banda se hospedava. Já nos arredores do Mineirão, palco da apresentação dos ícones do Hard Rock, foram distribuídos panfletos sugerindo que o acrônimo Kiss significava "Kavalera In Service of Satan". A banda que tem seu nome derivado de um concurso de beijos foi tratada como adoradora do diabo. Assistia-se nesta fase embrionária do heavy-metal belo-horizontino, uma forte reação contrária ao gênero musical motivada pelo desejo de manutenção dos costumes locais, sobretudo aqueles relacionados aos aspectos cristãos.

Em função desta resistência e do rechaço que fãs e músicos vivenciavam na cidade, a cena heavy-metal foi marcada inicialmente por iniciativas isoladas e fragmentadas, restringindo-se à esfera dos bairros, onde os encontros, trocas e a produção musical aconteciam. Porém, a unidade deste movimento se deu graças à criação de dois espaços icônicos: a loja Cogumelo, especializada em discos e fitas; e as sessões de vídeo de heavy-metal do ICBEU. Esses lugares emblemáticos tornaram-se pontos de encontro e espaços de socialização dos headbangers, permitindo que as produções que até então se encontravam circunscritas aos bairros de origem das bandas pudessem circular, dinamizando a difusão da cena.

A Cogumelo, que acabou se tornando um selo especializado em produções fonográficas de heavy-metal (Cogumelo Records), foi responsável pela gravação dos primeiros discos e o lançamento de bandas que hoje são consideradas clássicas do heavy-metal mundial: Overdose, Mutilator, Holocausto, Sepultura e Sarcófago, dentre outras. Destaque-se que o primeiro disco da gravadora, disputadíssimo entre os fãs, foi um split álbum que contava com músicas do Sepultura, de um lado, e o Overdose, do outro. Mas o papel desempenhado pela Cogumelo foi muito além da produção e divulgação musical. A loja da Cogumento caracteriza-se como um lugar na acepção geográfica do conceito, reconhecida não somente como um local, mas um símbolo dotado de grande significado para os seus usuários. Era no espaço da loja e no seu entorno imediato que os headbangers se reuniam periodicamente, para buscar os lançamentos musicais, trocar material,

compartilhar experiências, assistir aos vídeos de bandas de heavy-metal que eram exibidos aos sábados na própria loja, ou simplesmente estar entre iguais. A loja também operava como ponto de encontro, a partir do qual os headbangers seguiam na direção dos eventos ligados à cena ou para os raros lugares na cidade que os acolhiam, como veremos mais adiante.

Outra localidade que exerceu forte influência na cena do Metal belo-horizontino foi o ICBEU (Instituto de Cultura Brasil Estados Unidos), que realizava intensa programação de exibição de vídeos ligados à cena heavy-metal, uma das primeiras e talvez a única forma de acessar o material vindo do exterior, com exibições de videos de shows que iam desde as baladas dos Beatles até o som pesado de Slayer e Venom.

Belo Horizonte também recebeu nos anos 1980 bandas de renome internacional, cujas apresentações impactaram de forma significativa a comunidade headbanger local, com destaque para a já mencionada apresentação do Kiss, em junho de 1983; do Quiet Riot, em abril de 1985; e do Venon juntamente com o Exciter, em dezembro de 1986. Em 1983 a capital mineira teria sido palco de outro espetáculo, Van Halen, não fosse a baixa venda de ingressos que motivou o cancelamento do show.

Apesar do cenário adverso e da receptividade negativa o movimento heavy-metal se expandiu de forma expressiva, tendo diversas bandas sido formadas em bairros espalhados por toda a cidade, com uma sonoridade cada vez mais pesada e agressiva. A Encyclopedia Metallum (2016) indica que nada menos do que 34 bandas de heavy-metal surgiram na cidade nos anos 1980s. Essas bandas passaram a realizar apresentações, fato que deu ainda mais visibilidade à cena e grangeou um crescente número de fãs.

6. PERCURSO METODOLÓGICO

Como se viu, o heavy-metal de Belo Horizonte produziu ao longo dos anos 1980 número expressivo de bandas, fazendo com que fosse inviável localizar todos os seus integrantes e, consequentemente, entrevistá-los. Visando garantir a viabilidade do estudo, optou-se por restringir a população de referência àquelas bandas que haviam gravado pelo menos um álbum e/ou realizado pelo menos um show em eventos isolados ou festivais de heavy-metal nos anos 1980s. Para identificar esta população realizou-se um levantamento junto ao site colaborativo Encyclopedia Metallum, que indicou as bandas que surgiram na cidade ao longo da década. Posteriormente, promoveu-se uma pormenorizada busca na agenda cultural das edições do jornal Estado de Minas, o diário de maior circulação na cidade, buscando identificar os shows e os lançamentos de disco de bandas de heavy-metal da cidade, realizados nos anos 1980s. Diante do material coletado, identificou-se onze bandas, que foram adotadas como referência para a realização de um conjunto

de entrevistas em profundidade, visando identificar as territorialidades afetas à cena heavy-metal (Quadro 1).

Quadro 01 – Relação de Bandas, cujos membros foram entrevistados

BANDA DE REFERÊNCIA	MEMBRO REPRESENTANTE
Sextrash	Márcio
Insulter	Reinaldo
Placenta	Vitória
Overdose	Pedro
Sepultura	Jairo
Mutilator	Ricardo
Sagrado Inferno	Marcos
Witchhammer	Paulo
Sarcófago	Armando
Holocausto	Valério
Chakal	Marcelo, Luís e Marcos

Elaboração: os autores

Um elemento que não pode ser ignorado é a ativa cena contemporânea do Metal na cidade, sendo numerosos os bares temáticos e os shows de bandas do gênero, no qual se fazem presentes, com regularidade, membros das bandas dos anos 1980s, além de fãs que viveram a efervescência do Metal daquela década. Nesses espaços foi aplicado o método da "Bola de Neve" como referência para a aproximação de potenciais respondentes das entrevistas, no qual indivíduos previamente identificados a partir de abordagens diretas fazem indicações e compartilham contatos de outros indivíduos correlatos, possibilitando a criação de uma rede social contendo músicos do metal belo-horizontino.

Esta estratégia possibilitou a aplicação das entrevistas semiestruturadas, resultando na coleta da história oral por meio de captura audiovisual realizada com câmera de filmagem e microfone. As entrevistas foram baseadas em instrumento semi-estruturado contendo nove questões sobre os territórios de vivência e criação associados à cena do heavy-metal, variando desde o local de formação das bandas, locais de shows, modo de acesso a estes locais, pontos de encontro das pessoas vinculadas à cena, dentre outros. Também compõem o conjunto de perguntas questões sobre as rivalidades entre bandas e com outros grupos urbanos.

Uma vez realizadas as entrevistas, seus pontos de maior interesse para a pesquisa foram transcritos e os locais apontados pelos entrevistados catalogados, fato que permitiu a ilustração cartográfica da distribuição espacial das bandas pela cidade. Todas as referências espaciais contidas

nas entrevistas foram tabuladas, em um mesmo formato, para que assim os conceitos emprestados da Antropologia e Geografia fossem representados cartograficamente. Para tal, os pontos citados por cada fonte oral foram georeferenciados junto ao Google Earth e exportados para o software ArcGis, onde, trabalhados à luz da semiologia gráfica, deram origem aos mapas.

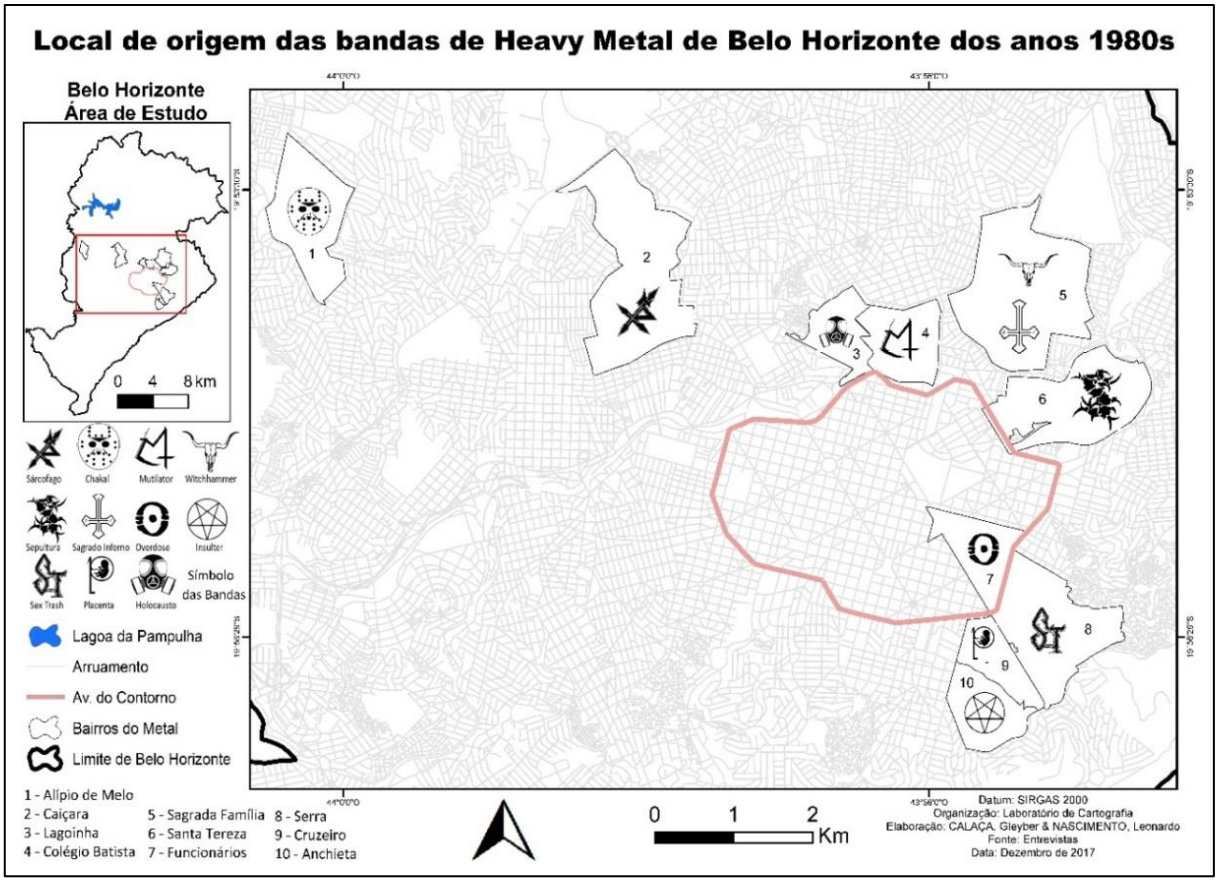
Ao fim deste exercício metodológico foram produzidos quatro mapas sintéticos: um representando os pedaços, adaptados aqui para os bairros de origem das bandas, já que remetem a um espaço de maior vivência de seus membros; um para as manchas, locais de frequência comum das bandas, mas não necessariamente exclusivos da cena heavy-metal; o trajeto, indicando as principais vias de acesso aos locais citados; e por último o mapa do circuito heavy-metal, com uma síntese da distribuição espacial geral da cena. Para efeitos de representação das bandas utilizou-se como recurso símbolos específicos, em muitos casos, o próprio logo oficial da banda.

7. CARACTERIZAÇÃO ESPACIAL DOS TERRITÓRIOS DO METAL

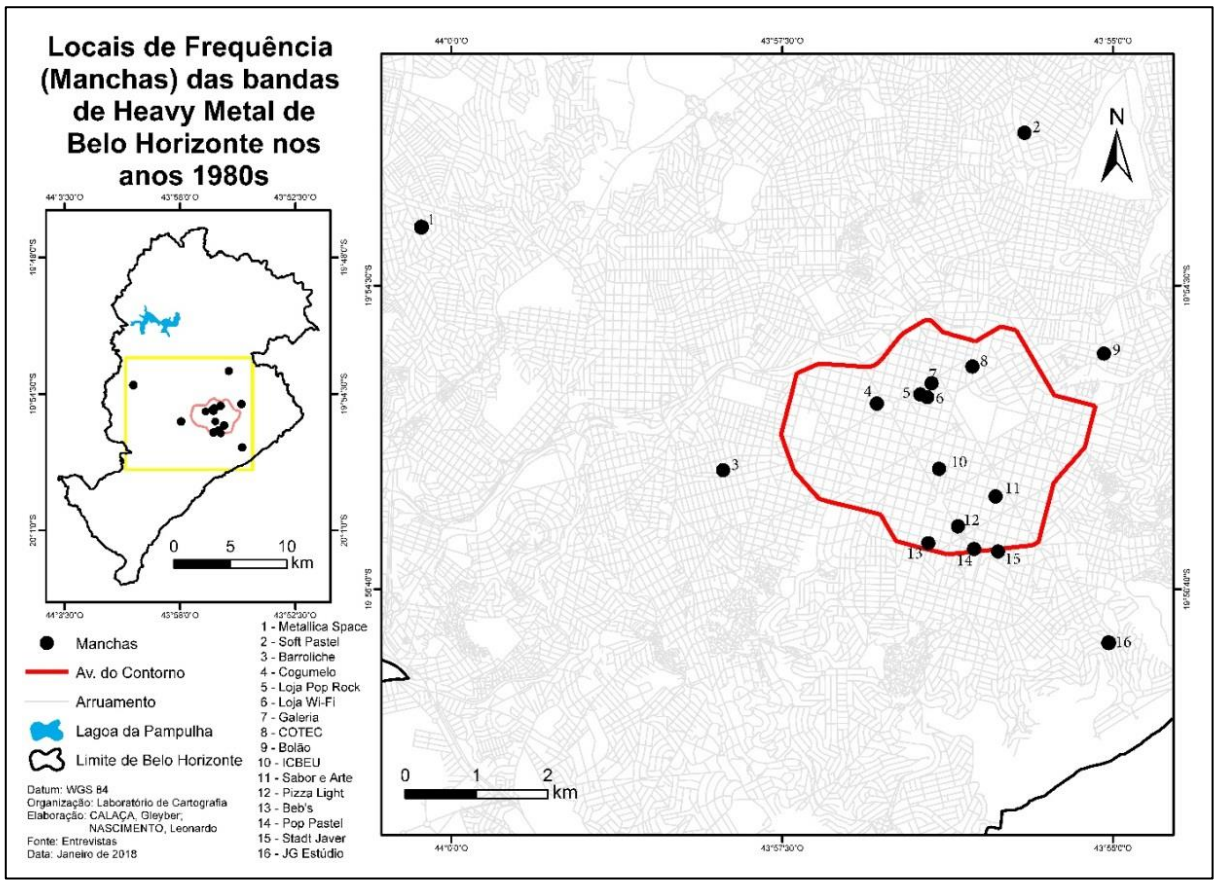
O primeiro mapa a ser apresentado elucida a origem das bandas (mapa 01) e a formação de pedaços. Dada a dificuldade de delimitar espacialmente as áreas de atuação específicas de cada banda foram considerados os bairros nos quais os grupos emergiram. Detectou-se nas entrevistas que a junção dos jovens e a formação das bandas se davam geralmente a partir de um contexto comum, sendo elas formadas por irmãos, colegas de escola ou amigos que moravam na mesma vizinhança.

O Mapa 1 revela que embora fosse um movimento que se desenvolveu às margens da sociedade, especialmente em função das suas vinculações estéticas, religiosa e moral, as bandas de heavy-metal não emanaram de contextos espacialmente marginais. Na verdade, o que se nota é uma cena que foi produzida, essencialmente, na porção pericentral da cidade, ocupando bairros de classe média como Sagrada Família (Sagrado Inferno e Witchhammer), Serra (Sex Trash), Cruzeiro (Placenta), Funcionários (Overdose), dentre outros. A única exceção ficou sendo a banda Chakal, originada no bairro Alípio de Melo, localizado a certa distância da zona central da cidade.

Adotando-se como critério para a definição das manchas (Mapa 02) a menção a locais específicos por pelo menos dois dos membros das bandas entrevistados, nota-se, uma vez mais, a centralidade da cena de forma evidente. As manchas encontram-se ou no interior da Avenida do Contorno, ou em suas cercanias imediatas. Isto remete ao dinamismo comum de qualquer área central, que oferece mais opções de acesso a bens de consumo e serviços. Neste caso, os bens de consumo são as mercadorias ligadas ao heavy-metal, sobretudo os vinis vendidos nas lojas de discos (Cogumelo, Wi-Fi, Pop Rock, Galeria e COTEC), citadas de forma recorrente pelos entrevistados.



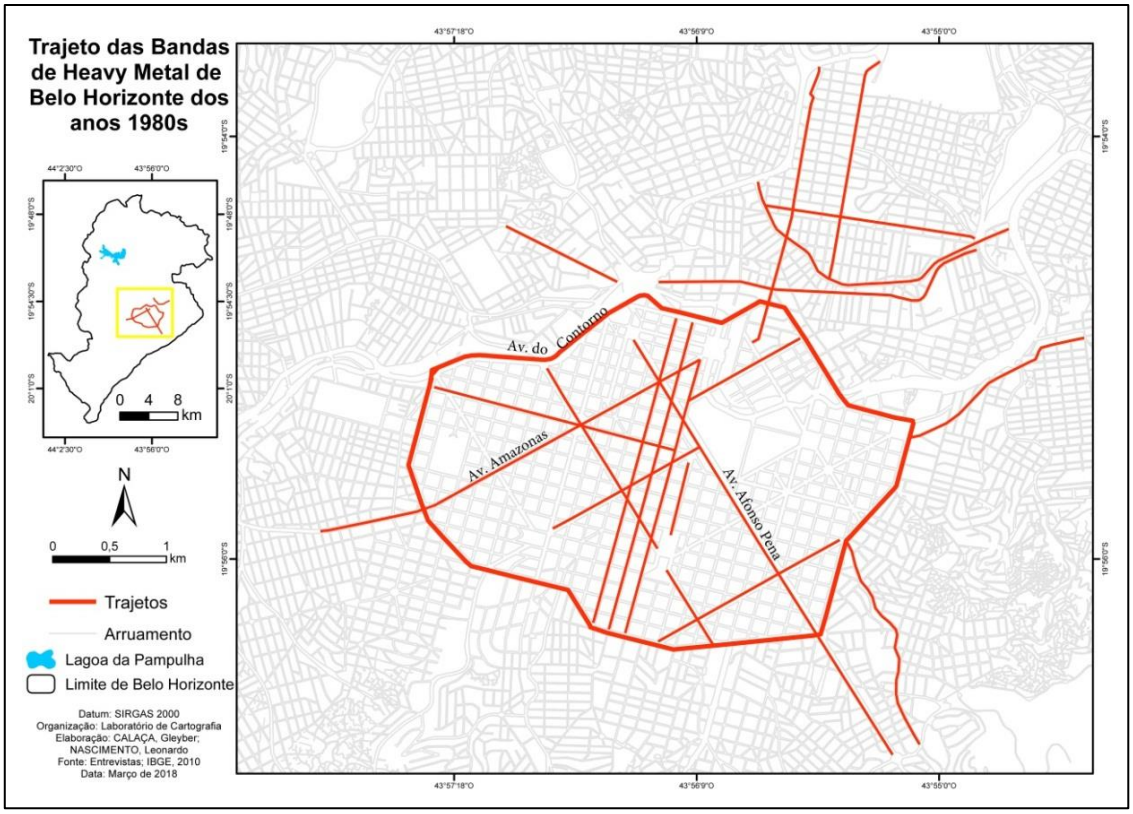
Mapa 01 – Origem das bandas de Heavy Metal em BH.
Fonte: Dados da pesquisa.



Mapa 02 – Mapa de localização das manchas das bandas de Heavy Metal em BH.
Fonte: Dados da pesquisa.

Os bares também se destacam como espaços de significado para os headbangers, mesmo não sendo eles os bares temáticos que conhecemos hoje (com excessão do Metallica Space, que era um bar voltado para o público de cabelos longos). Esses bares eram locais com clientelas ecléticas, mas que também recebiam as pessoas vinculadas à cena do heavy-metal. Dentre estes locais destacam-se o Pop Pastel na Savassi e o Soft Pastel na Cidade Nova, pontos lembrados por todos os entrevistados. Também foram nesses bares ou lanchonetes que se davam os choques entre grupos culturais rivais, conforme mencionado nas entrevistas, uma vez que esses locais também eram frequentados por Playboys[2], e, em um dado momento, Carecas[3]. Outro grupo cultural que também podia ser encontrado nestes locais eram os Punks, que, no geral, mantinham um bom relacionamento com os headbangers. Portanto, o Pop Pastel e o Soft Pastel eram os locais com a maior presença de headbangers, e, consequentemente, os espaços mais territorializados por eles.

Como especificado anteriormente, as manchas e pedaços não ficam isolados espacialmente. Há conexões entre esses locais, denominados trajetos (Mapa 03). Estes acessos foram mapeados conforme indicado pelos entrevistados, assumindo a totalidade do traçado da rua ou avenida citada (com exceção da Av. Amazonas, devido a sua dimensão), já que nem sempre foi possível coletar informações na escala dos quarteirões que eram percorridos.



Mapa 03 – Trajeto das bandas de Heavy Metal em BH.
Fonte: Dados da pesquisa.

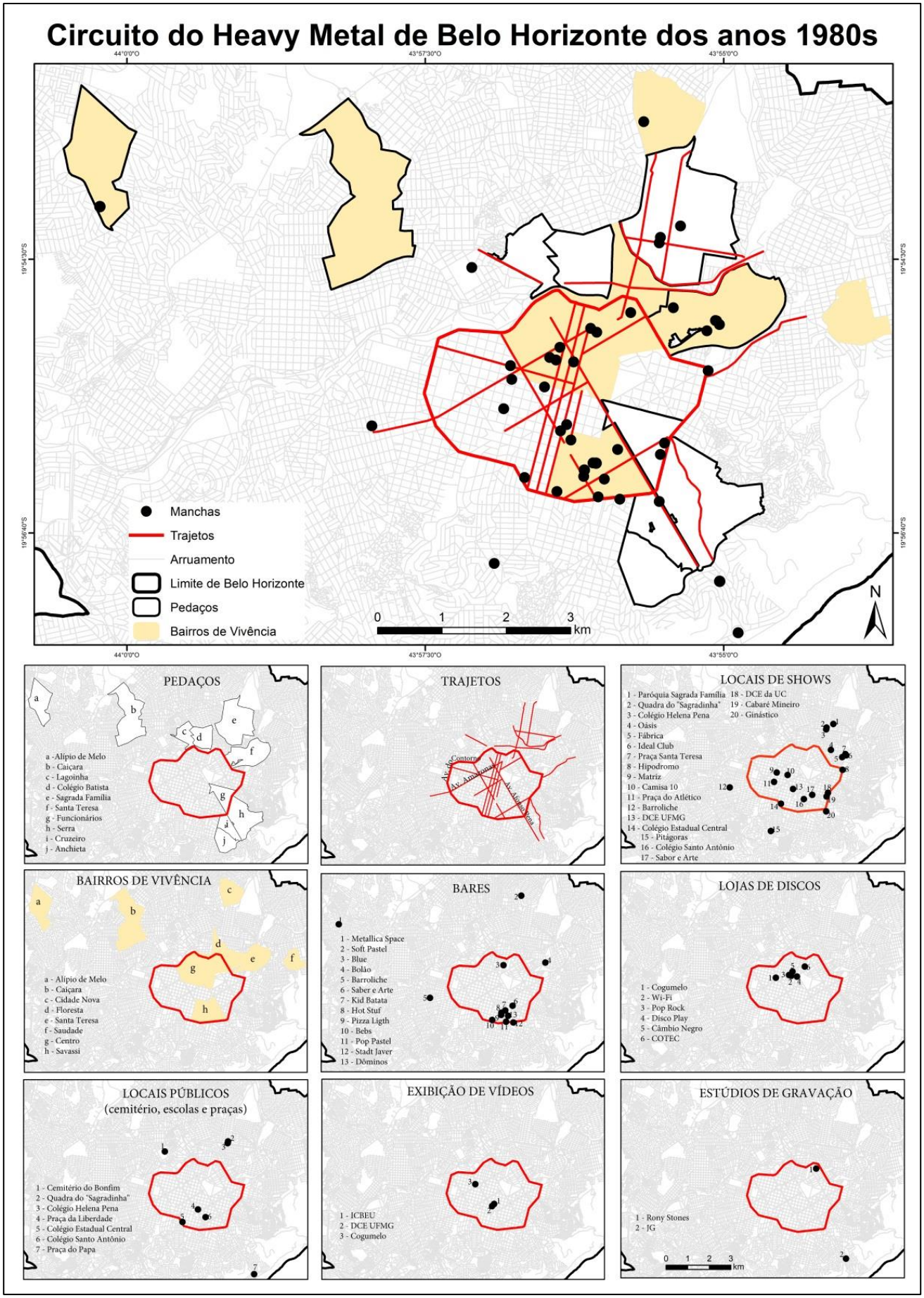
[2] Definidos genericamente pelos entrevistados como jovens de classe média/alta com estilo de vida boêmio, influenciados pelo comportamento dos "rebeldes sem causa" norte-americanos.
[3] Grupos de skinheads, movidos por ideais nacionalistas e racistas, famosos por embates violentos e agressivos

De acordo com as referências indicadas pelas bandas, estes são os corredores da cidade por onde eles habitualmente circulavam, quase sempre à pé ou de ônibus. Esses caminhos muitas vezes levavam a pontos de ônibus, nos quais os headbangers aguardavam o transporte público para se deslocar a outros pontos de Belo Horizonte, que começavam a virar referência para a cena (bairro Alípio de Melo e Venda Nova, por exemplo). Nas entrevistas não se identificou trajetos que devessem ser evitados pelos headbangers, seja em virtude de cisões internas ou rivalidades com outros grupos sociais, como os Playboys, fato corroborado pelo modo como eles se locomoviam na cena, quase sempre em duplas ou em conjunto, fazendo com que os atritos fossem menos prováveis.

Ao analisar o mapa é possível perceber uma similaridade com as demais categorias abordadas no que diz respeito à abrangência espacial, destacando a ligação dos locais indicados por meio das linhas tracejadas no mapa. Apesar da centralidade do movimento heavy-metal, alguns trajetos já indicavam uma provável disseminação do gênero para outras localidades, como pelo eixo da Avenida Amazonas.

Uma vez apresentadas as partes, pedaços, manchas e trajetos, pode-se explanar a síntese territorial do heavy-metal belo-horizontino, ou seja, o circuito do Metal, marcado por uma miríade de locais reconhecidos por todos aqueles que viveram a efervecência da cena . O mapa 4 traz uma representação do circuito, com a junção de todos os pontos relevantes para a cena citados nas entrevistas ou encontrados nas publicações jornalísticas, onde são destacadas as localidades segundo a sua natureza. Para uma apresentação cartográfica mais clara, os locais foram desmembrados em uma coleção de mapas, conforme a categoria de uso e o modo pelo qual foram territorializados pelos headbangers, variando entre pedaços, trajetos e subclasses das manchas (locais de shows, bairros de vivência, bares, lojas de discos, espaços públicos, locais de exibição de vídeos e estúdios de gravação).

O circuito o heavy-metal apresentava vasta gama de territórios, que cumpriam múltiplas funções, reforçando como destaque uma distribuição aglutinada na parte central de Belo Horizonte e seus arredores imediatos. Pedaços, trajetos e manchas já receberam análises nos mapas anteriores, mas alguns comentários complementares podem ser postos tendo em vista a sobreposição das suas espacialidades. É notório o quanto os trajetos lembrados pelos entrevistados articulam os pedaços e os locais de shows. O momento de uma apresentação de heavy-metal era, possivelmente, quando os headbangers faziam a maior interação entre os pedaços, criando uma espécie de network. Talvez fosse ainda o instante que os adeptos do gênero se permitiam percorrer as maiores distâncias, à fim de assistir outros grupos.



Mapa 04 – Coleção de mapas do circuito do Heavy Metal em BH.
Fonte: Dados da pesquisa.

Ter shows de heavy-metal para ver na época não era tão simples, principalmente por conta da dificuldade de achar locais que permitissem essa prática. Os headbangers tinham que negociar bastante com os donos das casas de shows, bares ou quadras para alugar estes espaços. O movimento era tão orgânico que nem mesmo se pensava em obter lucro de biblheteria, a ideia central era congregar pessoas em prol do gênero, e o público fiel sempre atendia este pedido lotanto os pequenos espaços que acolhiam os heabangers. Contudo, esta não é a única categoria de mancha que conectava as pessoas, cabendo descrever outras formas de contato geradas pela cena.

Sobre os bairros de vivência, houve uma sobreposição, em alguns casos, aos pedaços. Isto pressupõe que o os bairros de origem das bandas criavam uma considerável centralidade dentro da cena, possibilitando novas conexões entre os grupos. Era comum, por exemplo, bandas se juntarem na casa de determinado membro da cena para realização dos seus ensaios, algo que fomentava a comunicação entre os pedaços. Por escassez de referências destes locais não foi possível mapear a totalidade das casas ou garagens adaptadas para os ensaios, mas os bairros de vivência podem dar algum indicativo de onde esta prática ocorria. Esses encontros não se restringiam aos membros de bandas, fazendo-se também presentes os "sapos"[4]. Ainda sobre esta subcategoria de mancha, ressalta-se que estes bairros eram, não raras às vezes, dissonantes do bairro de parte dos integrantes das bandas, que por sua vez ficavam incubidos que carregar instrumentos a pé ou de ônibus até o ponto destinado para ensaiar.

Contudo, os headbangers não ocupavam apenas espaços que já faziam parte do seu contexto diário, como o logradouro das suas respectivas escolas ou a rua de residência. Outros espaços foram sistematicamente territorializados, sendo notória a vivência headbanger nos bares da cidade. Neste aspecto, a socialização ficava a cargo não apenas do Metal, mas também da disponibilidade de desfrutar de bebidas alcoólicas. Pontuamos a disponilibidade porque não era simplesmente escolher um bar e ali se assentar, pois os estigmas que headbangers recebiam de toda parte os impediam de acessar serviços no local de escolha. Ainda assim, conforme salientado no mapa, a concentração dos bares ficava na Savassi, bairro de consumação da elite belo-horizontina.

Nestes bares os headbangers, sejam membros das bandas ou entusiastas do gênero, precisavam se rearfirmar perante os já mencionados Playboys. A Savassi era reduto tanto de headbangers quanto deste grupo rival, gerando diversos atritos. Para fazer frente a ocupação dos Playboys os headbangers lançavam mão de diferentes meios para territorializar os bares: o mais imediato deles era a presença maciça em um bar específico, que depois de algumas semanas de frequência mudava completamente o perfil de público atendido pelo bar. Ligado a isto temos a estética Metal, que contrasta com qualquer outro grupo do espaço urbano. Relações sonoras

[4] Fãs que assistiam aos ensaios das bandas

asseguravam ainda mais o domínio sobre determinado local, sendo comum colocar som ambiente para deixar bem estabelecido que o Metal se apossava daquele bar. Não foram relatadas práticas tais como a pichação, apenas fixação de cartazes em postes no intuito de promover shows agendados, sempre confeccionados pelos próprios membros das bandas. Dentre a vasta gama de bares onde se fazia presença o gênero, sobressai-se o Pop Pastel, na Savassi, e o Soft Pastel, no bairro Cidade Nova. Quem fez parte do circuito do metal nos anos 1980s certamente frequentou estes espaços aos sábados à noite.

Partindo para outra importante mancha do circuito temos as lojas de discos. As mídias digitais datam de um período extremamente recente, portanto, para acessar a música advinda do exterior era necessário sair de casa e investir certa quantia em dinheiro. Uma maneira de burlar isto era fazendo a cópia de fitas k7, mas ainda assim era preciso que alguém adquirisse o vinil. A exemplo dos bares, é possível observar uma concentração das lojas de vinis, mas em outro bairro, no Centro. É de conhecimento geral que o centro, principalmente o de uma capital como Belo Horizonte, aglutina a oferta de serviços e bens de consumo e, neste caso, não foi diferente.

Como descrito na parte do heavy-metal mineiro, uma loja de vinis foi a grande responsável por profissionalizar as bandas locais. Entretanto, a loja Cogumelo foi fundamental para o circuito não apenas na gravação das bandas e venda dos seus artigos, ela se tornou também um local de encontro. A partir da rede social proporcionada pela Cogumelo eram organizados shows, marcados ensaios e combinadas ídas para os bares da Savassi. A identificação com a loja era tamanha que muitos headbangers passavam lá diariamente, seja durante o expediente de trabalho ou logo após sair da escola. Foi um ambiente amplamente territorializado, pois seus donos Pat e João acolheram os headbangers, que retribuíram com a sua fidelidade. Nas entrevistas depreendeu-se ser prática comum entre os headbangers visitar outras lojas de disco para buscar novidades ligadas à cena, deixando para a efetuar as compras na Cogumelo.

Os locais públicos citados nos mapas remetem a outra forma de territorialização do Metal na cidade. Eram espaços diversos, variando entre praças, escolas e o cemitério do Bonfim. Nas escolas, tendo em vista que à época muitos headbangers cursavam o equivalente do Ensino Médio atual, era prática comum o manifesto identitário calcado na aplicação de adereços do Metal (patches ou bottons) sobre o uniforme escolar. Por sua vez, as praças eram ocupadas em momentos posteriores as ídas aos bares, quase sempre durante a madrugada, enquanto se aguardava o primeiro ônibus da manhã para poder voltar para casa.

Uma territorialidade interessante é observada no Cemitério do Bonfim. Foi com o cemitério servindo de plano de fundo que uma das fotos mais icônicas do Metal mundial foi tirada, divulgada como capa do disco I.N.R.I., 1987, da banda Sarcófago. Outras bandas também faziam uso do cenário sombrio do cemitério mais antigo da cidade para fotos divulgadoras dos grupos.

A quantidade de locais territorializados cai exponencialmente nos dois últimos itens do mapa de circuito, exibição de vídeos e estúdios. Nestes casos evidenciam-se as dificuldades de se fazer e consumir heavy-metal em Belo Horizonte nos anos 1980s. As sessões de vídeo ocorriam de maneira institucional no ICBEU, como ilustrado anteriormente com a divulgação periódica da programação no Jornal Estado de Minas. Já o outro ponto no mapa se refere, mais uma vez, à loja Cogumelo. Nos finais de expediente, ao descer as portas da loja, alguns headbangers permaneciam na loja assistindo aos vídeos das bandas internacionais que eram gentilmente repassados pelos proprietários. Sobre os estúdios de gravação não havia nenhum destinado exclusivamente ao Metal, sendo o de uso mais comum o JG, de um músico da cena, integrante da banda Kamikase.

Esporadicamente, outras localidades de Belo Horizonte recebiam os headbangers, transpondo as localidades central e pericentral apresentadas no mapa 4. Nas ocasiões em que este padrão espacial era rompido, os shows de Heavy Metal eram os principais responsáveis, tendo sido registradas apresentações ligadas à cena no Mineirinho, na Pampulha, e, ocasionalmente, em bairros onde as bandas ensaiavam, como o Venda Nova, por exemplo. Entretanto, estes espaços não faziam parte da rotina heavy-metal.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo resgatou como as bandas de Metal formadas na Belo Horizonte dos anos 1980s territorializaram diversos locais da cidade. No intuito de representar cartograficamente a abrangência destes territórios foram adotados conceitos advindos da Antropologia Urbana em complementariedade à Geografia Cultural. Dada à originalidade da pesquisa, fez-se necessário construir um banco de dados próprio, a partir de menções à cena encontradas no jornal Estado de Minas e entrevistas realizadas junto aos músicos da época.

De modo abrangente, grupos sociais possuem formas distintas de se espacializar, obedecendo a uma lógica de territorialização. No caso dos adeptos do heavy-metal a ocupação de diferentes espaços estava relacionada com a marginalidade do gênero, que contrasta com o tradicionalismo católico mineiro. Neste aspecto, os locais que abrigaram os headbangers, ainda que minimamente, foram sendo territorializados. Uma vez ocupados estes espaços recebiam conotações que indicavam a presença do heavy-metal, seja por meio da sonoridade com som ambiente, pela estética comum aos headbangers, fixação de cartazes ou simplesmente pelo encontro maciço de pessoas envoltas pelo mesmo ideal moldado pelo gênero musical. As relações estabelecidas nestes pontos de encontro criavam laços, mas também atritos, seja com outros grupos sociais como os Playboys, causa de grandes desavenças, ou ainda cisões internas da cena, a ponto de polarizar o heavy-metal local.

Como as categorias de locais territorializados variam conforme a modalidade de uso foram aplicados os conceitos desenvolvidos por Magnani (2008) de pedaço, mancha, trajeto e circuito. Faz-se necessário frizar que tanto a origem de numerosas bandas de heavy-metal quanto os territórios estabelecidos por elas possuem estrita relação com a condição social dos headbangers, como ilustrado no mapa dos pedaços, quase sempre em áreas circuvizinhas ao centro de Belo Horizonte. Isto denota que no aspecto espacial o heavy-metal não era marginal. As machas, por sua vez, mostraram-se múltiplas e propiciavam a congruência dos pedaços para determinados espaços, sejam locais públicos, bares, ambientes de realização de shows ou exibição de vídeos. As atividades desempenhadas nas manchas também se diversificam, seja em detrimento de uma sociabilidade básica entre adeptos do gênero, na realização de apresentações ou na busca das influências internacionais via vinis, cópias de fitas K7 ou sessões de exibição de vídeos. Conforme a valoração simbólica destes espaços foi alimentada dentre os headbangers, verdadeiros lugares do heavy-metal foram criados e conectados, dando gênese ao circuito do metal na cidade, visto aqui como a própria cena heavy-metal.

Durante o processo de levantamento de refrências bibliográficas que continham o Metal como tema central, observou-se que ainda são escassos os esforços para a compreensão deste importante grupo cultural, que ainda hoje projeta o nome de Belo Horizonte para todo o mundo. Analisando pelo viés territorial e com ilustrações cartográficas do fenômeno não foram encontradas outras fontes, o é revelador do pioneirismo desta pesquisa. Espera-se que este estudo abra a possibilidade de realização de outros trabalhos dedicados à territorialidade do heavy-metal, pois independente do recorte espacial e temporal escolhidos este é um rico campo de estudos para a Geografia Cultural.

REFERÊNCIAS

ABRÃO, J. A. A. Concepções de Espaço Geográfico e Território. **Sociedade e Território**, Natal, v.22, n.1, p.46-64, 2010.

ALMEIDA, M. Aportes teóricos e os percursos epistemológicos da Geografia Cultural. In: GEONORDESTE, 19, 2008, Sergipe. **Anais...** Sergipe: Geonordeste, 2008. p. 33-54.

ANDRADA, L. **“We who are not as others”:** análise de noções da violência no mosh a partir do heavy metal. 2013. Dissertação (Mestrado em Música) - Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

AVELAR, I. **Figuras da violência**: Ensaios sobre narrativa, ética e música popular. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.268p.

AZEVEDO, C. S. N. de. **É para ser escuro! – codificações do black metal como gênero**. 2009. Tese (Doutorado em Música) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

BARROS, L. G. de. Subculturas, um conceito em construção. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 30, 2007. **Anais…** Santos: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2007. p. 1-14.

BLACKMAN, S. Youth Subcultural Theory: A Critical Engagement with the Concept, its Origins and Politics, from the Chicago School to Postmodernism. **Journal of Youth Studies**, Canterbury, v.8, n.1,p.1-20, 2005.

BRETAS, P. F. F.; SARAIVA, L. A. S. Territorialidade e formas de controle na cidade: um estudo do discurso da mídia sobre os lavadores e flanelinhas. In: ENCONTRO DA ANPAD, XXXVII, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2013, p. 1-16.

CAMPOY, L. C. **Trevas na cidade: o underground do metal extremo no Brasil**. 2008. 270f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

CLAVAL, P. **A Geografia Cultural**. 3.ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2007.

CLAVAL, P. "A volta do cultural" na geografia. **Mercator**, v.1, n.1, jan. 2009.

CLAVAL, P. Geografia Cultural: um balanço. **Revista Geografia**, Londrina, v.20, n.3, p.5-24, 2011.

COELHO, P. **Batendo cabeças**: educação estética e política tecidas a partir do Heavy Metal. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

DAMASCENO, J. **A cena rock metal entre o moderno e o pós-moderno**. 2014. Monografia (Trabalho de Graduação em História) - Universidade Federal de Uberlândia, 2014.

DA SILVA, B. **Mundo metálico belenense e política cultural: declínio e reorganização do heavy metal paraense (1993-1996).** 2014. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Universidade Federal do Pará, Belém, 2014.

DA SILVA, J. L. **O heavy metal na revista Rock Brigade: aproximações entre jornalismo musical e identidade juvenil.** 2008. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

DAYRELL, J. **Juventude, Grupos Culturais e Sociabilidade**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2004.

DHEIN, G. **A besta que se recusa a morrer: identidade, mídia, consumo e resistência na subcultura heavy metal**. 2009. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Programa de Mestrado em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, 2009.

DOS SANTOS, T. V. **O true contra o poser: um estudo das condições e contradições de ser e fazer metal underground na cidade do Salvador**. 2013. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

ENCYCLOPEDIA METALLUM. **The Metal Archives**. Disponível em: <https:www.metal-archives.com> Acesso em set. 2016.

FERREIRA, D. da S. Território, territorialidade e seus múltiplos enfoques na ciência geográfica. **Revista de Geografia Agrária**, João Pessoa, v.9, n.17, p.111-135, 2014.

FRAGA. **Ciranda e modinhas, em vez de Rock.** Estado de Minas, Belo Horizonte, 22 de jan. de 1985, p7.

HAESBAERT, R. Da desterritorialização a multiterritorialidade. In:IX ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR, 3, 2001. Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPUR, 2001.

HAESBAERT, R. **Dos múltiplos territórios a multiterritorialidade**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

HOBSBAWM, E. **Era dos Extremos: o Breve Século XX (1914-1991).** São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

JANOTTI JR., J. **HEAVY METAL**: o Universo tribal e o espaço dos sonhos. 1994. Dissertação (Mestrado em Multimeios) - Universidade Federal de Campinas, Campinas, 1994.

LOPES, P. A. **Heavy Metal no Rio de Janeiro e Dessacralização de Símbolos Religiosos: A Música do Demônio na Cidade de São Sebastião das Terras de Vera Cruz**. 2006. Tese (Doutorado em Antropologia) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

MAGNANI, J. G. **Festa no pedaço**: cultura popular e lazer na cidade. São Paulo: Hucitec, 1998.

MAGNANI, J. G. **Mystica urbe**: um estudo antropológico sobre o circuito neoesotérico na metrópole. São Paulo: Studio Nobel, 1999.

MAGNANI, J. G. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. In: MAGNANI, J. G.; TORRES, L. (Org.) **Na metrópole**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

MEDEIROS, A. de S. **Entre a "terra do sol" e a "cidade maravilhosa": rotas, desvios e torneios de valor nos circuitos do rock metal.** 2014. Tese (Doutorado em Sociologia) - Programa de Pós-graduação de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

MONTEIRO, G. **O pecado é não sonhar: reconstruções da rebeldia jovem através do heavy da década de 1980.** 2015. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

NAKAMURA, S. **Machinassiah: heavy metal, alienação e crítica na cultura de massa.** 2009. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos e Literários em Inglês da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

NORA, P. Entre história e memória: a problemática dos lugares. **Revista Projeto História**, São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993.

RUÍDO DAS MINAS. **A origem do heavy metal em Belo Horizonte**. Direção Gracielle Fonseca; Filipe Sartoreto; Rafael Sette Câmara. 2009. 1 disco digital versátil (83 min.), DVD, son., color.

SILVA, W. **Os incômodos perdedores: Heavy Metal no Brasil da década de 1980**. 2014. Tese (Doutorado em História Social) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

SIRINO, C. **Heavy Metal Brasil na década de 1980: a rebelião headbanger nos subterrâneos da modernidade.** Dissertação (Mestrado em Letras) Programa de Pós-graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, 2012.

SOUZA, M. J. L. de. **O território**: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: Geografia conceitos e temas. São Paulo: Bertrand, 1995. p 77-116.

TEIXEIRA, G. C. **Roadie Crew**: Uma análise do heavy metal como notícia. 2014. Monografia (Trabalho de Graduação em Jornalismo) - Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2014.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Tradução: Lívia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013.

WANDERLEY, M. do V. D. **A Cena Metal Aracajuana: Identidade e conflitos entre grupos antagônicos.** 2008. Monografia (Trabalho de Graduação em Ciências Sociais) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristovão, 2008.

Trabalho enviado em 20/05/2018
Trabalho aceito em 25/06/2018